

SAÚDE MENTAL DOS IDOSOS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: UM OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO

Débora Ferreira Braga Araújo¹
Michelle Aparecida do Santos²

Resumo: Segundo a Psicologia Histórico-Cultural, a velhice é um processo construído historicamente. Atualmente, no sistema capitalista, o indivíduo é notado de acordo com o que ele produz e, muitas vezes, os idosos não produzem mais para a sociedade. Segundo dados do IBGE, a depressão é a doença que mais atinge a terceira idade. É preciso entender o contexto histórico-social para buscar respostas sobre a saúde mental dos idosos frente a pandemia do vírus covid-19 que assolou o mundo em meados de 2020.

Palavras-chave: Saúde mental. Idoso. Pandemia. Capitalismo. Isolamento.

1. Considerações Iniciais

Segundo dados, os idosos representam cerca de 13% da população brasileira, aproximadamente 28 milhões de idosos conforme dados apontados pelo IBGE (2018). A OMS (Organização Mundial da Saúde), definiu como idosos, pessoas com 60 anos ou mais. Seguindo uma visão histórico-cultural, a velhice é construída historicamente. Cada século/sociedade tem sua perspectiva de o que é ser idoso e o que a velhice pode representar socialmente.

Em uma perspectiva histórico-cultural, pode-se pensar a velhice ou o envelhecimento humano, não como categoria universal, mas como fenômenos construídos histórica e socialmente no transcorrer da evolução da humanidade. Desse modo entende-se que o envelhecimento se constitui em categoria elaborada diferentemente e simbolicamente por cada pessoa em desenvolvimento e em cada momento histórico diferente (Martins, 2011, p.219).

A autora provoca reflexões acerca da velhice inserida em um contexto maior, ou seja, o capitalismo. Também lança questionamentos acerca da sociedade em que se descartam tudo o que já está desgastado, ou seja, com menos possibilidade de produtividade.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV) – Maringá-PR. E-mail: debora.psychology@hotmail.com.

² Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia do UniCV. Psicóloga Clínica. E-mail: prof_michelle@unicv.edu.br

Ao respeitar as lembranças do idoso pode-se dar voz a uma historicidade engendrada em uma teia de relações que só são passíveis de compreensão a partir de uma análise histórico-cultural, em que se concebe o envelhecimento como um processo de desenvolvimento contínuo e singular de cada sujeito humano (Martins, 2019, p.219)

É de conhecimento geral que há algumas limitações causadas pela idade sendo necessário que haja uma atenção do Estado para com o idoso, promovendo o bem-estar e incentivando-os a levar uma vida ativa podendo diminuir essas limitações.

Envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais. Essas alterações são naturais e gradativas, e podem ser em maior ou menor grau, em idades mais precoces ou avançadas, dependendo de aspectos genéticos e do modo de vida de cada um. Alguns fatores como alimentação, exercícios físicos, apoio psicológico, e estimulação mental, influenciam diretamente no retardo dos efeitos da passagem do tempo (Benetti; Fagundes; Zanella, 2011, v. 2, p. 213).

O envelhecimento populacional vem aumentando cada vez mais provocando uma mudança na estrutura social e no sistema de saúde fazendo com que muitas vezes o Estado não consiga atender a demanda exigida e conseqüentemente, não consiga cuidar do idoso como merece.

Em conjunto com a transição epidemiológica, resulta no principal fenômeno demográfico do século 20, conhecido como envelhecimento populacional. Este fenômeno tem levado a uma reorganização do sistema de Saúde, pois essa população exige cuidados que são um desafio devido às doenças crônicas que apresentam, além do fato de que incorporam disfunções nos últimos anos de suas vidas (Nasri, 2008, v. 1, p. 4).

Segundo uma pesquisa realizada em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 13% da população entre 60 e 64 anos sofrem com a depressão, sendo o maior número de casos por faixa etária. Com a crise sanitária causada pela pandemia e a recomendação de isolamento principalmente aos idosos, fez com que rompessem o ciclo social que tinham e seguindo as recomendações da OMS.

O isolamento social fez com que o ciclo social fosse rompido ou diminuído drasticamente, vale ressaltar que, os idosos já sofreram perdas ao longo da vida que, também, diminuiu o ciclo social deles.

Segundo Araújo et al (2009) conforme citado por Ribeiro (2010) outros fatores que reduzem o grau de interação dos idosos são demográficos, socioculturais e epidemiológicos, como aposentadoria, perda de companheiros de trabalho, aumento de tempo livre, mudanças nas normas sociais, impacto da idade sobre o indivíduo, impacto social da velhice, perda de segurança econômica, rejeição pelo grupo, filhos que se afastam entre outros.

É importante ressaltar que além do isolamento social, o financeiro dos idosos foi motivo de preocupação para alguns já que, muitas pessoas não estavam financeiramente preparadas para a alta do preço dos alimentos e remédios, sendo insuficiente o valor que recebem de aposentadoria.

Na sociedade a velhice é como um “peso” para o governo e não levam em conta que o idoso já produziu muito para a sociedade, no sistema capitalista o indivíduo é reconhecido pelo que produz e, no caso da velhice, muitos não produzem sendo que nem sempre recebem a atenção que merecem.

Segundo Fraiman (1995) conforme citado por Souza e Ramos (2021), pode-se considerar que a perda de status dos idosos está relacionada com o surgimento do capitalismo, onde a produção de bens ganha valor. Nesse sistema valemos mais pelo que produzimos do que pelo que somos, ou seja, a sociedade tende a rejeitar o indivíduo na medida em que ele perde a condição de produzir força de trabalho. Dessa concepção resulta a tendência de que os idosos e, economicamente inativos, sejam considerados socialmente mortos, banidos da esfera do poder.

Os autores fazem uma comparação entre produção e idade sendo o mais velho, descartado. É possível observarmos que nem todos conseguem se manter com o salário que recebem de aposentadoria, muitas vezes tendo que complementar a renda para conseguirem comprar medicamentos e afins. Sabemos a maioria dos idosos tiveram um passado difícil, com muita dificuldade, nem todos tiveram oportunidade de estudar, não aproveitaram a infância, possuíam pais rígidos, tem a questão de marcas de abusos etc., é necessário levar em consideração a história do idoso, como foi enfrentado as adversidades, se houve um amparo psicológico ou se o indivíduo arrastou essa dor por toda vida. É necessário ressaltar que, a velhice por si já possui um baixo nível de interação com outras pessoas, podendo ser ou não, depressão sendo necessário ficar atento.

É de suma importância que a possível depressão do idoso seja tratada, caso contrário poderá trazer inúmeros prejuízos à saúde física e mental. Segundo

Stella, Grobbi, Corazza e Costa (2002) Se não tratada, a depressão aumenta o risco de morbidade clínica e de mortalidade, principalmente em idosos hospitalizados com enfermidades gerais.

Como destacado pelos autores, depressão não tratada em idosos aumenta o risco de mortalidade. Há estudos que ligaram a depressão a mais chances de o idoso ter demência se comparado aos que não apresentaram a doença.

Segundo uma pesquisa realizada por Santos, Bessa e Xavier (2020) em relação aos fatores relacionados à demência em idosos, concluiu-se que os idosos diagnosticados com depressão (OR = 4,09 IC95% 1,87;8,94) e hipertensão (OR = 2,68 IC95% 1,15;6,08) tiveram mais chance de terem demência, 309% e 168%, respectivamente, quando comparados com os idosos que não apresentavam a doença.

Esse sofrimento psíquico pode ir além de problemas psicológicos, podendo ser um fator de risco para o desenvolvimento de demência. É importante ressaltar que, há estudos sobre as sequelas cognitivas causadas pela COVID-19 e que podem causar déficits de memória.

Conforme relatado antes, o SARS-CoV-2 devido à potencial formação de coágulos sistêmicos 31,37 pode reduzir o fluxo sanguíneo para o cérebro, provocando complicações neurológicas do SNC, como convulsões, perda de consciência, perda de olfato (5% a 10%) e “intenso e prolongado delírio”, que pode acarretar prejuízos cognitivos a longo prazo, como déficits de memória 47,53,54,56 (Campos *et al.* 2020, p.1-14).

Podemos concluir que o sofrimento psíquico pode auxiliar no desenvolvimento de problemas neurológicos, é importante ressaltar que a depressão precisa ser tratada o quanto antes e, assim evitando futuras complicações. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), supõe-se que existem quase 2 milhões de pessoas com demências, e cerca de 40% a 60% são do tipo Alzheimer.

2. Metodologia

O artigo foi realizado com pesquisas bibliográficas que orientaram no tema proposto. A revisão bibliográfica se deu a partir de leituras de artigos, teses e matérias que se encaixam no tema sobre a velhice de acordo com a Psicologia Histórico-cultural

e os impactos da COVID-19 nos idosos e relacionar a saúde mental com o capitalismo e a valorização do trabalho na nossa sociedade atual.

Resultados

Neste trabalho foi discutido as condições dos idosos atualmente no Brasil, compreendendo que o sofrimento psíquico pode afetar a saúde física do idoso e ser uma porta de entrada para o desenvolvimento de outras doenças. A questão da saúde mental dos idosos vai muito além do isolamento, problemas como aposentadoria insuficiente, um histórico difícil e etc. A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais o cenário.

3. Discussão

A questão do isolamento do idoso vai além da pandemia, tendo em vista que no sistema capitalista a velhice não é valorizada e muitas vezes é vista como um peso para a sociedade. Na pandemia do COVID-19, ficou mais visível a negligência das pessoas com os idosos e a falta de amparo e políticas públicas voltadas para a promoção da saúde dessa população. É necessário mais investimento em políticas públicas para os idosos. A saúde mental do idoso afeta todo o resto, deixando-os propensos a doenças físicas, por isso a importância de promover o bem-estar de todos.

Referências

Benetti, I. C., Fagundes, M. M., & Zanella, M. (2011). Construção sócio-histórica do idoso cidadão. *Caminhos: Revista On-line de Divulgação Científica da UNIDAVI*, 2(2), 213-229.

<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/siteunidavi/revistaCaminhos/humaniadeano2.pdf>

Campos, M. R., Schramm, J. M. de A., Emmerick, I. C. M., Rodrigues, J. M., Avelar, F. G. de, & Pimentel, T. G. (2020). Carga de doença da COVID-19 e de suas complicações agudas e crônicas: Reflexões sobre a mensuração (DALY) e perspectivas no Sistema Único de Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(11).

<https://doi.org/10.1590/0102-311x00148920>

Martins, E. (2013). Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1). <https://doi.org/10.12957/epp.2013.7933>

Martins, M. (2019). O envelhecimento na sociedade capitalista: Proteção social para quem? Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Departamento de Serviço Social. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199893/Mayara%20Martins.pdf?sequence=3&isAllowed=y>

Nasri, F. (2008). O envelhecimento populacional no Brasil. *Einstein (São Paulo)*, S4–S6. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-516986>

Nogueira Dias Souza, H., & Batista Santiago Ramos, J. (2021). O que é isso, a velhice? *International Journal of Advanced Engineering Research and Science*, 8, 263-271. <https://ijaers.com/detail/what-is-it-old-age/>

Ribeiro, C. F. (2010). Doença de Alzheimer: a principal causa de demência nos idosos e seus impactos na vida dos familiares e cuidadores. *Repositório.ufmg.br*. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9D2F4B>

Santos, C. de S., Bessa, T. A. de, & Xavier, A. J. (2020). Fatores associados à demência em idosos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 603–611. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.02042018>

Stella, F., Gobbi, S., Corazza, D. I., & Costa, J. L. R. (2002). Depressão no idoso: Diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física. *Motriz. Journal of Physical Education, UNESP*, 90–98. <https://doi.org/10.5016/6473>